



A dança da cigarra: canto difônico, rugosidade e “pós-voz”

COMUNICAÇÃO-RECITAL

Ber dos Santos Neves

belaber.neves@gmail.com

UNICAMP

Micael Antunes

Micaelant@gmail.com

UNICAMP

Lucas Bertoloto Pereira

lucasbertoloto@outlook.com

UNICAMP

Título da obra: A dança da cigarra. (iniciada em Nov/2019 e finalizada em Mai/2020)

Duração: 12 min.

Link para acesso: [https://soundcloud.com/user-992571428/danca da cigarra correta](https://soundcloud.com/user-992571428/danca_da_cigarra_correta)

Área: Musicologia Sistemática. **Subárea:** Composição e Sonologia.

Resumo

A presente comunicação-recital consiste em uma peça de 12 minutos para voz e processamento eletrônico em tempo real. O processamento contou com o suporte do software puredata, com controles construídos a partir de uma interface em arduíno. Feita de uma experimentação com canto difônico e um sistema embarcado, a composição é uma reflexão sobre padrões não usuais de canto e uma possível pós-voz; é fruto de um trabalho colaborativo, e dialoga com estudos de filosofia da voz, psicoacústica, sonologia e luteria digital, que compõem um campo interdisciplinar mais amplo conhecido como musicologia sistemática.

O conceito de pós-voz emergiu das reflexões da pesquisa de iniciação científica de uma das integrantes do grupo e está ligado à performances vocais que faziam uso de ferramentas tecnológicas para a produção vocal, tais como filtros e distorções. Essa voz situada na realidade pós-moderna, que é fluida e maleável, se encontra mediada não como a região fronteira do corpo e do discurso (BARTHES, 1990), mas, sim, como a congeminação entre corpo, tecnologia e discurso. A pós-voz é um objeto sonoro que excede os conceitos sobre voz

estabelecidos até então, além de nos obrigar a refletir sobre os limites do que se escuta, sobre como percebemos essa voz como vibração (EIDSHEIM, 2015).

Partindo disso, “A dança da cigarra” é a radicalização da pós-voz e a exploração da rugosidade através de gestos vocais baseados no canto das cigarras. Utilizou-se o canto difônico- originário da Mongólia- e a fonação sussurrada para alcançar uma gestualidade concentrada em exceder a palavra, preocupada apenas com a *vocalidade* (ZUMTHOR, 2010) na produção de significado. Assim, se emerge a unicidade dessa voz (CAVARERO, 2011), que é fruto da relação singular que o indivíduo estabelece com seu corpo, com as extensões promotoras da “pós-voz” e sua intencionalidade discursiva.

Como suporte tecnológico para a composição foi construída uma placa com um arduíno, cinco disparadores e cinco potenciômetros, os quais controlam os pitch-shifters e as modulações de amplitude do patch do Puredata. Com isso foi possível criar rugosidades ao aproximar ou distanciar as frequências dos parciais da voz da compositora. Essa possibilidade se amplia muito com a inserção do canto difônico, que amplifica harmônicos específicos da voz com a ressonância entre a língua e o palato e os faz interagir também com o processamento. A exploração da espacialização também amplifica a possibilidade de exploração da pós voz, onde a diversidade de vozes consequentes do processamento interagem/ conflitam/ se sobrepõe em uma cena auditiva, constituído assim a textura sonora da peça. A atividade, por fim, se direciona para uma segunda pesquisa de iniciação científica e aguarda aprovação dos órgãos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARTHES, Roland. A escuta. Em: **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAVARERO, Adriana, **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. .. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 312 p.

EIDSHEIM, Nina Sun. **Sensing sound: singing and listening as a vibrational practice**. London: Duke University Press, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1 ed, 2010.

